Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, dezembro de 2024

Identidade e Nacionalismo: a imprensa italiana em Porto Alegre durante a Grande Guerra	Tamara Zambiasi University of Cambridge

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a evocação do nacionalismo e da identidade italiana nas páginas do jornal de imigração *La Patria Italo-Brasiliana* durante a Primeira Guerra Mundial, mais precisamente os exemplares do ano de 1916. Esse jornal foi publicado em Porto Alegre, de 1915 a 1931, e era editado pelo italiano Vicente Blancato. O estudo parte da análise do nacionalismo italiano de tipo corradiniano, movimento surgido em 1910, e que se apoia na ideia mais extremista da manifestação do patriotismo por meio do expansionismo da Itália e do autoritarismo, em contraposição ao ideal liberal mazziniano. Dessa forma, serão exploradas as características deste tipo de nacionalismo e sua expressão nas ideias veiculadas pelo jornal, refletindo sobre as formas de transmissão de valores e princípios nacionalistas entre a coletividade de imigrantes italianos em Porto Alegre nesse período.

Palavras-chave: Nacionalismo Corradiano; Irredentismo; Primeira Guerra Mundial; Imprensa de imigração.

Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, dezembro de 2024

Identity and Nationalism: the Italian press in Porto Alegre during the Great War	Tamara Zambiasi University of Cambridge

Abstract

This article aims to analyze the evocation of nationalism and Italian identity in the pages of the newspaper La Patria Italo-Brasiliana during the First World War, specifically the issues from the year 1916. This newspaper was published in Porto Alegre from 1915 to 1931 and was edited by the Italian Vicente Blancato. Her study is based on the analysis of Corradian-type Italian nationalism, a movement that emerged in 1910, which supports the more extremist idea of patriotism through Italy's expansionism and self-authoritarianism, in contrast to the liberal Mazzinian ideal. Thus, the characteristics of this type of nationalism and its expression in the ideas conveyed by the newspaper will be explored, reflecting on the ways of transmitting nationalist values and principles among the community of Italian immigrants in Porto Alegre during this period.

Keywords: Corradian Nationalism; Irredentism; First World War; Immigration Press.

O JORNAL

O jornal *La Patria Italo-Brasiliana* foi fundado em 24 de outubro de 1915, poucos meses após a entrada da Itália na Guerra, pelo professor de língua estrangeira Vicente Blancato, emigrado para Porto Alegre em 1911, após uma primeira experiência nos Estados Unidos, e seu sobrinho, Gaetano Blancato. O primeiro, em particular, foi o grande idealizador do empreendimento, distinguindo-se também pela sua atividade pública e cultural bastante eclética, mas concentrada sobretudo no campo econômico na capital rio-grandense. Assim que chegou a esse estado, Vicente Blancato inaugurou um curso de línguas seguindo a metodologia da escola internacional Berlitz, onde se ensinavam italiano, inglês e francês (Brum, 2005). Foi também professor de alemão na Escola de Comércio de Porto Alegre.

Em 1913 aparece entre os fundadores e como diretor da revista econômica rio-grandense *O Progresso*, voltada a empreendedores e industriais locais. Consoante com os ideais progressistas, que se conciliavam com as propostas do Partido Republicano Rio-grandense então no governo, Blancato sustentava que a civilização estava estreitamente ligada ao progresso econômico nas mãos da burguesia industrial. Sandra Pesavento classifica a sua obra como "de inspiração positivista e spenciariana, evolucionista e progressista, afirmadora da importância da ciência" e insere o nome do diretor entre os intelectuais de referência da nova burguesia intelectual gaúcha (Pesavento, 1986, p. 14). Em 1914 foi eleito representante do conselho científico do Instituto de Estudos Econômicos fundado no mesmo ano em Porto Alegre. Mais tarde, em 1920, organizou o *Almanaque do Comércio do Rio Grande do Sul*. Em comemoração aos 100 anos da Independência do Brasil (1822), publicou *As forças econômicas do Estado do Rio Grande do Sul*, dedicado às "beneméritas classes conservadoras" do estado, em 1922 (Blancato, 1922).

As edições analisadas somam nove do ano de 1916. A análise destes exemplares terá como mote o papel que o jornal assumiu como divulgador de uma propaganda nacionalista específica, ao mesmo tempo em que se contrapunha com muitas denúncias à atividade do Consulado italiano de Porto Alegre, representado, por sua vez, pelo jornal *Italia*, órgão oficial financiado pelo Comitê Pró-Pátria da capital rio-grandense. Não há dados exatos referentes à tiragem, mas a longevidade do jornal e informações encontradas

em outras fontes leva crer que a sua circulação foi significativa, atrás apenas daquela do *Stella d'Italia*, o jornal trissemanal em língua italiana publicado em Porto Alegre a partir de 1902 (Barausse; Bastos; de Ruggiero, 2017).

Com exceção da edição comemorativa de 23 de outubro de 1916, ampliada devido a ocasião do aniversário do jornal, *La Patria Italia-Brasiliana* se apresentava com quatro páginas: a primeira trazia as principais notícias e comentários quase sempre relativos ao conflito europeu, não raro acompanhadas de análises geralmente socioeconômicas sobre as questões mais importantes da colônia italiana no estado rio-grandense; a segunda era dedicada aos telegramas provenientes do exterior e dos principais cenários de guerra, através do serviço telegráfico especial do jornal; a terceira era destinada à crônica e às correspondências locais, ligadas à comunidade italiana de Porto Alegre e de toda a região colonial agrícola, sem esquecer das atividades das principais associações étnicas, espalhadas nas mais variadas localidades de todo o estado; a quarta página, por fim, era ocupada pelos anúncios de atividades comerciais, quase exclusivamente italianos, de Porto Alegre e dos principais centros de imigração no Rio Grande do Sul.

A IMPRENSA DE IMIGRAÇÃO

A imprensa de imigração italiana foi de grande importância no Rio Grande do Sul, sendo o terceiro estado em número de publicações, atrás apenas de Rio de Janeiro e São Paulo. Embora seja possível encontrar publicações deste tipo desde o início do século XIX, foi com a grande imigração, a partir de 1870, que o fenômeno da imprensa étnica adquirirá maior consistência, tendo seu auge entre o fim dos 1800 e início dos 1900, e decrescendo no número de publicações a partir de 1940. Porto Alegre, entre o final do século XIX e o início do século XX, foi cenário de numerosas iniciativas editoriais de periódicos em língua italiana (Cinquantenario, 1925).

Angelo Trento (1989) explica que o conteúdo geralmente encontrado nessas publicações não era extraordinário. A maior parte delas trazia pequenas notícias, curiosidades, propagandas de empresas e lojas, etc. Em grande parte das edições, os artigos e colunas tratavam da Itália, a partir de informações provenientes de agências de notícias, às vezes copiadas na íntegra. Segundo o autor, são as poucas as publicações com inserções mais robustas acerca da vida no Brasil, especialmente devido à pequena estrutura, normalmente composta pelo diretor e um ou dois redatores. Contudo, é clara a

vontade por parte de muitas publicações de ser a mantenedora da nacionalidade na colônia, o porta-voz da pátria distante.

Assim como os bairros étnicos que se formaram em grandes cidades receptoras de imigrantes – no caso dos italianos, as *little Italies* – a imprensa étnica se tornou uma espécie de guardiã da identidade étnico-cultural. Essa organização espacial e social atuava de forma a minimizar o trauma da imigração, promovendo uma integração gradual com a sociedade de acolhimento. A imprensa servia, assim, como a defensora de uma italianidade e promotora da construção de uma identidade italiana (Sergi, 2010).

A imprensa de imigração, para além de fornecer meras informações sobre a Itália, serviu como uma defensora dos interesses da Itália e dos italianos no Brasil. Os jornais com caráter colonial, ou seja, que não tinham uma função política assumida, carregavam a tarefa de educar os imigrantes, em uma lógica de "formar mais que informar", de modo a reforçar a italianidade[1] entre seus leitores. Essa função pedagógica se dava pela conservação da língua italiana, pelas "lembranças e pensamentos da pátria", e pela veiculação dos ideais nacionalistas (Trento, 2013, p. 31-33). Pantaleone Sergi (2010) explica que se empenharam nessa obra educativa intelectuais republicanos, liberais, socialistas, monarquistas, maçons e também religiosos. Por outro lado, não deixou de prestar seu papel de assistência às coletividades de imigrantes, dando voz às suas insatisfações e demandas ao governo italianos, que por vezes tratava os imigrantes com certa negligência. Dessa forma, muitos jornais tornaram-se porta-vozes de grupos organizados, com críticas explícitas às autoridades italianas no Brasil.

Assim, é possível compreender o motivo pelo qual a imprensa de imigração italiana adquiriu tamanha importância entre os imigrantes. É importante ressaltar que estamos falando em grupos de italianos provenientes de regiões da Itália com significativas diferenças linguísticas e culturais. Ao chegarem no Brasil, muitos deles não falavam a língua italiana oficial, havendo uma necessidade de interação não apenas entre italianos e brasileiros, mas entre os próprios italianos. A imprensa étnica acaba por ser o

[1] Italianidade será aqui utilizada para designar a identidade coletiva criada entre os italianos residentes no exterior. Esse conceito relaciona-se com a necessidade de afirmação de uma identidade comum entre os imigrantes de diferentes regiões da Itália, que ao entrar em contato com as sociedades dos países de acolhimento, encontram-se em uma condição de alteridade. Assim, forjar e identificar-se com uma identidade comum torna-se um instrumento de defesa para esses grupos.

elemento de coesão entre os diferentes grupos, mas também entre duas realidades distintas, a do país de origem e do país de chegada.

Em 1908, em uma análise sobre as dinâmicas associativas, o cônsul italiano no Rio Grande do Sul, Francesco De Velutiis, notava que o aumento exponencial de compatriotas nos principais centros urbanos desde os últimos anos do século XIX era acompanhado por importantes progressos morais e econômicos, além da ascensão de uma nova e ambiciosa burguesia, despreparada para guiar sob uma única bandeira os interesses da comunidade italiana (Lo Stato, 1908). Os periódicos burgueses em língua italiana e seus diretores não se diferenciavam muito deste modelo. Se proliferavam em grande número, frequentemente com uma vida precária e efêmera, sustentada por assinaturas voluntárias e pela publicidade, mais que pela venda. (Sergi, 2010).

No período analisado, é a guerra e suas repercussões sobre o grupo local o argumento mais investigado e onipresente nas suas colunas. Aparecem em grande número, porém, também os artigos que afrontam os temas econômicos, refletindo o interesse profissional do próprio diretor, Vicente Blancato que, como se viu, se ocupava ativamente destas questões. Não obstante a conotação urbana, o jornal valorizava de forma extenuante o potencial da produção colonial italiana nos principais núcleos da Serra Gaúcha, em um momento propício para o desenvolvimento de toda a região.

O NACIONALISMO CORRADINIANO

A tardia unificação italiana refletiu na necessidade da formação de um sentimento nacional entre os italianos, divididos por regiões geograficamente distintas e dialetos quase incompreensíveis entre si, o que acabou por gerar uma miríade de culturas específicas no mesmo território. Assim, um evento que foi capaz de reunir interesses a ponto de colaborar para uma identificação comum entre os italianos foi a desastrada tentativa de colonização da Etiópia, encerrada com a batalha de Adua, em 1896.

Foi esse episódio que inflamou as discussões nacionalistas na Itália, o que despertou as reflexões de Enrico Corradini sobre a consciência nacional. No início do século XX, Corradini publicava a revista *Il Regno*, que pregava uma regeneração espiritual e cultural da Itália por meio do elitismo, da guerra, do imperialismo e da violência. Para isso, seria necessária uma restauração da consciência de classe burguesa,

a fim de que assumisse a liderança da futura próspera nação. A criação de um novo império italiano, além de elevar o status internacional ocupado pela Itália, resolveria os problemas internos do país por meio do acesso a materiais básicos. Ao mesmo tempo, Corradini via no nacionalismo uma ferramenta moral para o empoderamento da identidade italiana, de forma muito parecida com o que o socialismo fez para o proletariado (Marsella, 2007).

Em 1910, Corradini fundou a Associação Nacionalista Italiana (ANI), uma organização de extrema direita que pensava o nacionalismo sobre bases darwinistas, ou seja, o Estado mais forte tinha direito de dominar aquele mais fraco. Muitos membros da ANI eram conhecidos irredentistas, e encontraram na associação pensamentos convergentes com a sua causa, especialmente fundados na importância na língua italiana, um elemento essencial para os ideais nacionalistas. O *irredentismo* foi um movimento político-cultural que almejava anexar à Itália territórios austríacos com populações de maioria étnica e culturalmente italianas, como o Trentino, mas também regiões onde viviam diferentes grupos culturais (alemães, eslovenos, croatas etc.), como a Dalmácia e a Ístria. Trento e Triste tornaram-se as cidades símbolo do movimento, e o binômio transformou-se no slogan dos irredentistas: "unidas por uma ponte ou separadas por um rio" (Lunzer, 2018, p.16).

Quando eclodiu a Primeira Guerra, a ANI foi uma das vozes mais estridentes em favor da entrada da Itália no conflito, ainda que a maior parte da população não concordasse. Os nacionalistas acreditavam que a guerra era um meio para renovação espiritual do povo italiano, sem mencionar as vantagens materiais que poderiam obter com a conquista de territórios. A Guerra representava a oportunidade para um irredentismo imperialista que buscava completar a unificação nacional. Para Corradini, a guerra era necessária para evitar a decadência da Itália e garantir seu lugar como grande potência. Assim, para a ANI, os direitos da Itália não deveriam ser obstaculizados pelos direitos dos demais povos (Fonzo, 2017).

LA PATRIA ITALO-BRASILIANA E GRANDE GUERRA

Em um artigo que comemorava o primeiro aniversário da fundação do jornal, lembravam-se os objetivos programáticos que marcaram a iniciativa em 1915:

> Assumindo a responsabilidade moral e material de dar vida a um novo periódico italiano, outra finalidade não temos que dar a nossa modestíssima contribuição da caneta à grande causa da gloriosa pátria Mãe, empenhada em uma enorme guerra pela redenção das terras sujeitas ao odiado inimigo. (...) Chegamos à arena do jornalismo colonial sem promessas vãs, menos ainda com palavreado pomposo. A bondade e a sinceridade do nosso programa foram sintetizadas no doce nome: Pátria. (Anniversario, 1916, tradução nossa)

La Patria Italo-Brasiliana assumiu desde o início uma linha de jornalismo colonial fortemente nacionalista e patriótica, ao mesmo tempo em que se declarava independente, "não afeito a fofocas" e "não arregimentado a nenhum partido político". O objetivo era de interpretar "o coração da Itália em armas", mantendo "vivíssimo o sentimento patriótico". O dogma que guiava o empreendimento era "*Vis Unita Fortior*", na convicção que "as nossas colônias italianas serão mais fortes, quanto mais unidas forem", dentro da lógica darwinista que permeava a produção de Vicente Blancato (Anniversario, 1916).

Durante a Primeira Guerra Mundial, as autoridades diplomáticas encontraram nos dirigentes das associações italianas e nos jornais de imigração o apoio necessário para promover o esforço bélico por meio de cooperação econômica solidária, como subscrições e empréstimos de guerra. Foram criados os Comitês Pró-Pátria em apoio aos familiares dos reservistas ítalo-brasileiros que partiam para alistarem-se no exército. Nesse contexto, a imprensa seguia uma orientação nacional ligada ao *Risorgimento* e ao conceito de uma quarta guerra de independência, necessária para redimir os territórios italianos ainda sob o domínio austríaco (Fonzo, 2017).

A ideia seguida pela elite imigrada e pelas associações mutualistas nos centros urbanos se conciliava muito bem com a visão do *La Patria italo-Brasiliana*. Na edição de 1916 dedicada às comemorações do 20 de setembro italiano, data em que se celebra o *Risorgimento,* com a unificação completa da Itália, o jornal apresentava a guerra em curso como a necessária continuação do processo de unificação nacional, em um artigo intitulado "Guerra de Independência e Guerra de Redenção":

> Nas guerras pela nossa independência brilharam todas as nossas virtudes, foi aplicada toda a energia da nossa gente, e na atual guerra, ainda mais sangrenta que as outras, se repetem os heroísmos, se seguem os esplendores gloriosos das armas italianas, que ao grito de "Itália avante! Avante Savoia!", sem resistência despedaçam, afugentam, oprimem em fuga o inimigo, levando o

> nosso estandarte sempre erguido, sempre em frente, em direção ao objetivo brilhante (Guerra, 1916, tradução nossa).

Aos olhos dos nacionalistas, a guerra se justificava pelas perspectivas das qualidades morais que poderiam eclodir nas mentes dos italianos. O periódico, assim, se preocupava em chancelar as ações do exército italiano por meio de argumentos que convencessem os leitores da grandiosidade do ato de participar de uma guerra. Por meio de seus artigos buscava convencer os compatriotas da necessidade de participação da Itália no conflito. Em 30 de setembro de 1916 publica um artigo sobre os jornais franceses e seus artigos sobre a ofensiva italiana. Citou, em particular, o jornal *Le Temps*, um dos mais importantes periódicos parisienses nesse período. O artigo elogiava as razões morais e sentimentais que induziram a consciência nacional a intervir na luta do direito contra os "opressores da liberdade":

> Criou-se um espírito de guerra lúcido e firme, no qual se encontram as aspirações nacionais de todas as classes e de todos os partidos. Esta guerra consciente e deliberada após reflexão, assinala uma grande data na história da Itália, e o Rei teve boa inspiração ao confirmar na sua ordem do dia às tropas, a unanimidade das nações. Depois de um período de materialismo político, a Itália reencontrou a fonte que jorra o Risorgimento e selou as esperanças do seu encontro com a aceitação da guerra." (L'italia, 1916, tradução nossa)

A participação no conflito seria uma espécie de insurreição contra os dogmas alemães. Os italianos estariam então convictos da necessidade de participar da guerra, obedecendo às decisões do rei. O monarca, de fato, tinha sua figura exaltada, e era promovido pelo jornal como a autoridade necessária aos italianos para que vencessem os inimigos da Itália. Na edição de 5 de agosto de 1916 se publica a foto enaltecida do "heroico" rei da Itália no fronte (Imagem 1). A legenda diz: "Sua Majestade o Rei e o Príncipe de Gales visitam o batistério de Áquila. O pároco italiano, Cavaleiro Don Celso Constantini dá notícias sobre os avanços passados. Na porta, o Almirante Cito".

Imagem 1 - O heroico Rei da Itália no fronte.


L'eroico Re d'Italia al fronte

S. M. il Re e il Principe di Galles visitano il battistero di Aquilja. Il parroco italiano Cav. Don Celso Costantini dá notizie sugli antichi avanzi. Sulla porta, l'ammiraglio Cito.

Fonte: (La Patria Italo-brasiliana, 5 ago. 1916)

Para o Primeiro-Ministro da Itália, Antonio Salandra, essa "insurreição" representava para os italianos o direito fundamental primário de todos os seus direitos, e o dever mais sagrado de todos os deveres. Finalmente o estado de espírito da Itália era o mesmo de quando foi feita a unificação (Per Il Nostro, 1916).

Para os imigrantes trentinos, contudo, a unificação da província com a Itália não era desejada, um projeto que foi levado a cabo apenas pela burguesia do Trentino, que nos anos de guerra se vê preterida frente às demais etnias presentes no império pelo governo austríaco. No Brasil, os imigrantes provenientes dessa região faziam questão de afirmar uma identidade que os diferenciasse dos italianos, autodenominando-se de tiroleses e buscando assimilar as práticas austríacas, em vez daquelas italianas, demonstrando até mesmo certa aversão à Itália (Possamai, 2004).

Quando eclodiu a Primeira Guerra e a Itália entrou no conflito contra a Áustria e a Alemanha, essa antipatia transformou-se em hostilidades explícitas, e mesmo em casos de violência. Embora muitos jornais de imigração tenham relatado esses conflitos entre italianos e trentinos, como o *Stella D'Italia* e o *Fanfulla* entre os principais, o *La Patria*

Italo-Brasiliana ignorou a contenda, concentrando sua atenção na defesa da anexação do território, e na denúncia das condições de sobrevivência dos trentinos na região.

Em artigo intitulado "*Per il nostro Trentino"* (Para o nosso Trentino), o jornal culpa a política de contratação de croatas para a construção de fortes e estruturas militares pela necessidade dos trentinos de imigrar para outros países. Dentro da lógica da civilidade italiana, representam os croatas como portadores de doenças:

> Aqui – entre parênteses – devo dizer que estes operários croatas trouxeram ao planalto de Rovereto uma grave infecção de gastroenterite, declarada pelos médicos como *cholera nostras* (Per Il Nostro, 1916, tradução nossa).

E acusa as autoridades austríacas de obrigar que as províncias trentinas arcassem com construções desnecessárias, pagando com o dinheiro dos próprios cofres públicos pelos fortes austríacos, construídos por empresários estrangeiros, e não trentinos, favorecendo a corrupção:

> Voltando agora a falar dos empresários estrangeiros, sublinho que não se trata de uma ou duas construções ao ano, mas de dezenas de construções, uma vez que existe uma verdadeira rede de fortes no Trentino. Sabe-se que muitos especialistas os consideram inúteis, mas, no entanto, se enterram neles centenas de milhões. É geral a convicção que se busca por empresários certamente aventureiros porque assim há espaço para a prática da corrupção. Muitas vezes rejeitaram empresários trentinos – a nata dos patriotas austríacos – que ofereciam condições melhores (Per Il Nostro, 1916, tradução nossa).

Essa escolha editorial faz sentido se considerarmos que o Rio Grande do Sul, junto com Santa Catarina, foram os estados que mais receberam imigrantes trentinos, em torno de 20% do contingente total (Grosselli, 1999). A situação das obras públicas explica em parte a adesão da burguesia à anexação do território pela Itália. Agora era necessário angariar também o apoio das classes mais populares. Desse modo, mais interessante que provocar as diferenças, seria convencer os trentinos do valor da causa italiana e das vantagens da anexação do território pela Itália, promovendo o fortalecimento da identidade italiana nesses grupos.

O chamado ao passado, não apenas com a valorização do mito de Roma e do passado de ouro da Itália, mas também dos heróis que se sacrificaram pela pátria, tinha espaço privilegiado nas páginas do Jornal. Depois da sua execução, por exemplo, a figura de Cesare Battisti é continuamente evocada como emblema da causa irredentista e como

modelo de participação na defesa da honra nacional. Na seção de telegramas, de 5 de agosto de 1916, o episódio do enforcamento do "heróico patriota" Battisti é contado com um detalhe no título: "A vítima grita: Viva a Itália!", pouco antes de ter puxada a corda no seu pescoço (Telegrammi, 2016, tradução nossa).

A reação do jornal ao seu enforcamento e às notícias de uma possível retirada dos combatentes irredentistas é justamente o incitamento à resistência. O medo de um grande número de mortos de irredentes de Triste não deveriam barrar os esforços pela paz, pois se faltarem triestinos, a obra será levada adiante pelos lombardos, sicilianos, toscanos, romanos, de modo que a cidade prospere "italianamente" a seu modo, pelo amor fraterno que liga a Itália as suas terras irredentes (Gli Irredenti, 1916).

Também faziam parte desta narrativa as correspondências dos militares ítalo-brasileiros chamados para o fronte, com conteúdo quase propagandístico de exaltação patriótica, como a carta do soldado Matteo Giuseppe Delfino, deslocado para o fronte de Isonzo, enviada para sua família em Monte Vêneto, no Rio Grande do Sul:

> A nossa vida aqui é certamente muito desfavorecida, mas todos suportamos de bom grado com a finalidade de alcançar o brilhante objetivo que o povo italiano se colocou. (...) Estamos muito satisfeitos e louvamos nossas vitórias no Trentino (...). Que Deus confunda e extermine os nossos odiados inimigos assegurando o triunfo da civilidade e do progresso (Lettera, 1916, tradução nossa).

A ideia da civilização e do progresso estavam intimamente ligadas à noção de pátria. Quase como o destino manifesto americano, assim se enxergavam os italianos mais nacionalistas e irredentistas. Uma característica que marca, inclusive, a mentalidade dos imigrantes que se deslocam para o Brasil. Em uma análise de Jefrrey Lesser (2015), o autor chama a atenção para o fato de que os italianos que chegam ao Brasil compreendem seu papel como de civilizador, carregando consigo a função natural de melhorar o brasileiro e trazer a moralidade e o progresso para uma terra de selvagens.

De fato, a noção de civilização como dever do povo italiano foi amplamente explorada pelos nacionalistas nesse período, especialmente para justificar a causa irredentista. O argumento era que povos subjugados pelo domínio estrangeiro, esgotados pela luta nacional, ao serem libertos pelos italianos poderiam finalmente alcançar o progresso. Em 4 de novembro de 1916 uma coluna do jornal, na primeira capa, anuncia o *risorgimento* da Ístria, península do mar adriático que hoje divide-se entre Croácia,

Eslovênia e Itália, mas que em 1916 estava sob domínio austríaco. Para que a região obtivesse a verdadeira liberdade, no entanto, era necessário um governo nacional, obviamente aquele italiano:

> Essa necessita de um governo nacional que lhe dê estradas, uma ferrovia, irrigação, que lhe dê impulso para modernizar os sistemas de agricultura e intensificá-la, que lhe ajude a melhorar a produção vinícola e de óleo; necessita de iniciativas para desfrutar da sua riqueza mineral, para multiplicar os canteiros para pequenas embarcações, nos quais já se distingue por expandir outras indústrias; necessita, enfim, que se cumpra a sua grande obra em vão tentada pelos istrianos, ou seja, a colonização das terras de campanha pelos camponeses italianos, saudáveis e inteligentes. Necessita, enfim, a Ístria – *e tem o direito* – de ser levada ao nível de vida moderna que alcançaram as outras terras do vêneto (Il Risorgimento, 2016, tradução nossa).

Percebe-se que a liberdade da região da Ístria não viria pela sua emancipação, pelo contrário. A sua independência dependeria do grande Estado nacional italiano, capaz de oferecer a infraestrutura necessária para o progresso econômico e, ao mesmo tempo, a moralidade civilizatória capaz de contribuir para o bom desenvolvimento da região.

CONCLUSÃO

Os jornais de imigração no Brasil, de maneira geral, concebiam a entrada da Itália na Primeira Guerra como uma decisão altamente impopular, recebendo muito bem a decisão pela neutralidade. Contudo, alguns periódicos incitavam o combate armado para resolver a questão de Trento e Trieste. Quando na Itália começou o movimento intervencionista, pró-guerra, então a imprensa de imigração se moveu na mesma direção como um todo. O objetivo era o de convencer os imigrantes da necessária participação no conflito. O esforço se dirigiu para um "rito nacional-patriótico de massa", e o sentimento de italianidade, a medida em que aumentava, também favorecia o aumento do número de exemplares desses jornais (Trento, 2013, p. 65).

O periódico *La Patria Italo-Brasiliana* não se distanciou dessa realidade. Como demonstrado, foi um defensor da causa irredentista e da participação da Itália na Guerra como forma de anexar territórios onde a maioria da população tivesse o italiano como língua falada. A exaltação do nacionalismo e do patriotismo servia justamente para justificar o esforço bélico empreendido pela nação, buscando envolver os italianos também fora da pátria mãe, fosse pelo alistamento voluntário, fosse pelas contribuições

financeiras aos comitês pró-pátria. La Patria representava o espírito nacional italiano para seus leitores por meio das cartas dos soldados, do fortalecimento da figura do rei e da difusão da ideia de como os italianos eram responsáveis pela obra civilizatória nos territórios ocupados por eles. Esses princípios adentraram as mentes de muitos imigrantes italianos, e estão nas raízes do que se convenciona chamar de italianidade, esse sentimento de pertencimento o qual marcou diversas coletividades de imigrantes no exterior.

REFERÊNCIAS

ANNIVERSARIO. **La Patria italo-brasiliana**, Porto Alegre, 23 out. 1916.

BARAUSSE, A.; BASTOS, M. H. C.; RUGGIERO, A. **O jornal Stella d'Italia (1902-1925)**: Transfopress Brasil, 2017. Disponível em: http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/o-jornal-stella-ditalia-1902-1925/

BLANCATO, V. **As forças econômicas do estado do Rio Grande do Sul no 1° centenário da independência do Brasil 1822-1922**. Porto Alegre: Globo, 1922.

BRUM, R. F. **Caderno de pesquisa:** notícias de imigrantes italianos em Porto Alegre, entre 1911 e 1937. São Luís/MA: EDUFMA, 2005.

CINQUANTENARIO della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000. v. I-II.

CONSTANTINO, N. S. de. **L'italiano di Porto Alegre**. Immigrati meridionali nella capitale del Rio Grande do Sul. Cosenza: Pellegrini, 2015.

FONZO, Erminio. **Storia dell'Associazione Nazionalista Italiana (1910-1923)**. Collana: La memoria narrata, sezione memorie e storia, 4. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 2017.

GUERRA d'Indipendenza e Guerra di Redenzione, **La Patria italo-brasiliana**, Porto Alegre, 20 set. 1916.

GLI IRRIDENTI combattenti. **La Patria Italo-brasiliana**, Porto Alegre, 30 set. 1916.

GROSSELLI, Renzo. **Noi tirolesi, sudditi felici di Don Pedro II**. Porto Alegre: EST, 1999.

IL RISORGIMENTO dell'Istria. **La Patria italo-brasiliana**, Porto Alegre, 4 nov. 1916.

LESSER, Jeffey. **A invenção da brasilidade**: Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LETTERA di un soldato. **La Patria italo-brasiliana**, Porto Alegre, 9 dez. 1916.

L'ITALIA Guerriera. **La Patria Italo-brasiliana**, Porto Alegre, 30 set. 1916.

LO STATO di Rio Grande del Sud e la crisi economica durante l'ultimo quinquennio. (Da un rapporto del cav. Francesco De Velutiis, R. Console in Porto Alegre) (Febbraio 1908). *In*: **Ministero degli Affari esteri – Commissariato dell'Emigrazione, Emigrazione e Colonie**. Raccolta di rapporti dei RR. Agenti diplomatici e consolari. Vol. III – America, Parte I – Brasile. Roma: Manuzio, 1908, p. 344-347.

LUNZER, Renate. Irredentismo Italiano (1880 – 1915). Irredenti, irredentisti e irredenti irredentisti Zibaldone. *In:* **Estudios Italianos**, vol. 6, n. 1, p. 14-25, jan. 2018.

MARSELLA, Mauro. Enrico Corradini's Italian nationalism: the 'right wing' of the fascist synthesis, *In:* **Journal of Political Ideologies**, n.9, v. 2, p. 203-224, 2007.

PESAVENTO, S. Rio Grande do Sul, 1890-1930: a ideia da indústria (com a palavra o empresário e o Governo). **Análise Econômica**, Porto Alegre, a. 4, n. 7, p. 3-20, 1986.

PER il nostro Trentino, **La Patria italo-brasiliana**, Porto Alegre, 5 ago. 1916.

POSSAMAI, Paulo César. Imprensa e italianidade: RS (1875-1937). *In.*: (ORG) DREHER, Martin; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. **Imigração e imprensa**. Porto Alegre: EST/ São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

SERGI, P. **Stampa migrante**. Giornali della diaspora italiana e dell'immigrazione in Italia. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2010.

TELLEGRAMI, **La Patria italo-brasiliana**, Porto Alegre, 5 ago. 1916.

TRENTO, A. **Imprensa italiana no Brasil**: séculos XIX e XX. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**. São Paulo: Nobel, 1989.